



Companheiros de Viagem

Há uma citação famosa que li em algum lugar. Ela diz que recebemos segundas chances a cada dia de nossas vidas. Elas estão ali para serem agarradas, só que não costumamos agarrá-las.

Passsei grande parte da vida provando essa citação. Deram-me um monte de oportunidades, às vezes a cada dia. Por um longo tempo, falhei em não agarrar nenhuma delas, mas depois, no início da primavera de 2007, isso finalmente começou a mudar. Foi quando fiz amizade com Bob. Olhando para trás, algo me diz que aquela pode ter sido a segunda chance dele também.

A primeira vez que o encontrei foi em uma sombria noite de quinta-feira, em março. Londres ainda não havia se livrado do inverno e ainda havia um frio cortante nas ruas, especialmente quando os ventos sopravam do Tâmis. Havia até mesmo um indício de geada no ar naquela noite, razão pela qual retornei para minha nova moradia subvencionada em Tottenham, no norte de Londres, um pouco mais cedo do que o habitual, depois de um dia fazendo apresentações de rua na região de Covent Garden.

Como sempre, trazia meu estojo de guitarra preto e a mochila pendurados nos ombros, mas naquela noite também tinha comigo minha amiga mais próxima, Belle. Nós havíamos saído juntos anos



atrás, mas, agora, éramos apenas colegas. Pretendíamos comer alguma comida pronta e barata com curry e assistir a um filme na pequena televisão em preto e branco que eu conseguira encontrar em uma loja de caridade virando a esquina.

Como de costume, o elevador do prédio não estava funcionando. Por isso, dirigimo-nos para o primeiro lance de escadas, resignados em encarar a longa subida até o quinto andar.

A lâmpada fluorescente no corredor estava queimada e parte do térreo estava imersa na escuridão, mas, enquanto caminhávamos para a escada, não pude deixar de notar um par de olhos brilhantes nas sombras. Quando ouvi um miado suave e ligeiramente melancólico, percebi o que era.

Chegando mais perto, à meia-luz, vi um gato laranja enrolado sobre o capacho de um dos apartamentos do andar térreo, no corredor que partia do corredor principal. Cresci em meio a gatos e sempre tive certa queda por eles. Ao me mover até ele para olhá-lo melhor, constatei que se tratava de um macho.

Eu não o havia visto antes perto dos apartamentos, mas, mesmo na escuridão, pude notar que havia algo de especial nele. Eu já era capaz de afirmar que ele tinha certa personalidade. Ele não estava nem um pouco nervoso; na verdade, era exatamente o oposto. Havia nele uma confiança calma e imperturbável. Parecia estar muito bem acomodado ali nas sombras e, a julgar pela forma como me fitava com um olhar firme, curioso e inteligente, era eu quem estava entrando em seu território. Era como se ele estivesse me dizendo: “Então, quem é você e o que o traz aqui?”.

Não pude resistir a me ajoelhar e me apresentar.

— Oi, companheiro. Eu nunca o vi antes, você mora aqui? — disse.

Ele apenas olhou para mim com a mesma expressão compenetrada e um pouco distante, como se ainda estivesse me avaliando.



Decidi acariciar seu pescoço, em parte para ser amigável, mas também, em parte, para ver se ele usava uma coleira ou qualquer forma de identificação. Era difícil ter certeza no escuro, mas percebi que não havia nada, o que imediatamente me sugeriu que ele fosse um gato de rua. Londres tinha mais do que sua justa cota deles.

Ele pareceu estar gostando do carinho e começou a se esfregar levemente contra mim. Enquanto eu o acariciava um pouco mais, pude perceber que sua pelagem estava em mau estado, com trechos irregulares sem pelos aqui e ali. Claramente, estava necessitando de uma boa refeição. E, pela maneira como se esfregava contra mim, também precisava de uma boa dose de amor.

— Pobrezinho, acho que é um vira-lata. Ele não tem coleira e está muito magro — disse, olhando para Belle, que me esperava pacientemente ao pé da escada.

Ela sabia que eu tinha um fraco por gatos.

— Não, James, você não pode ficar com ele — disse ela, apontando para a porta do apartamento em frente à qual o gato estava sentado. — Ele não pode ter simplesmente aparecido aqui e se acomodado nesse local. Deve pertencer a quem vive aí. Provavelmente está esperando que a pessoa volte para casa e o deixe entrar.

Relutantemente, concordei com ela. Eu não podia simplesmente pegar um gato e levá-lo para casa comigo, mesmo que todos os sinais indicassem que ele realmente não tinha um lar. Eu mal havia me mudado para aquele lugar e ainda estava tentando arrumar meu apartamento. E se ele pertencesse à pessoa que vivia naquele apartamento? Ela não encararia lá muito bem que alguém levasse embora seu animal de estimação, não é?

Além disso, a última coisa de que eu precisava agora era da responsabilidade extra de um gato. Eu era um músico fracassado e um viciado em drogas em recuperação, vivendo uma existência precária em uma moradia subvencionada. Assumir a responsabilidade por minha própria vida já era algo bastante difícil.



Na manhã seguinte, sexta-feira, fui até o térreo e encontrei o laranjinha ainda sentado no mesmo lugar. Era como se ele não houvesse se movido daquele lugar nas últimas 12 horas ou mais.

Mais uma vez, caí de joelhos e o acariciei. Mais uma vez, ficou óbvio que ele adorava aquilo. Ele ronronava, apreciando a atenção que estava recebendo. Ainda não havia aprendido a confiar completamente em mim. Mas pude perceber que ele simpatizava comigo.

À luz do dia, pude ver que se tratava de uma criatura maravilhosa. Ele tinha uma expressão realmente impressionante, com olhos penetrantes e incrivelmente verdes, embora, olhando mais de perto, fosse possível afirmar que ele estivera em uma briga ou em um acidente, porque havia arranhões na face e nas pernas. Tal como eu havia imaginado na noite anterior, a pelagem estava em péssimo estado. Estava muito rareada e encrespada, com pelo menos meia dúzia de regiões calvas, onde era possível ver a pele. Eu já estava me sentindo realmente preocupado com ele, mas, novamente, disse a mim mesmo que já tinha mais do que o suficiente com que me preocupar na simples tarefa de me manter na linha. Assim, relutantemente, saí para pegar o ônibus de Tottenham ao centro de Londres e Covent Garden, onde eu tentaria, uma vez mais, ganhar dinheiro com apresentações de rua.

Quando voltei naquela noite, já era muito tarde, quase 22 horas. Imediatamente, dirigi-me para o corredor onde vira o laranjinha, mas não havia sinal dele. Parte de mim ficou decepcionada. Eu meio que já gostava dele. Mas, principalmente, senti-me aliviado. Achei que seu proprietário deveria ter permitido que ele entrasse ao voltar de onde quer que tenha estado.





Meu coração se afundou um pouco quando desci no dia seguinte e vi que o gato havia voltado àquela mesma posição. Agora, ele estava um pouco mais fragilizado e desgrenhado do que antes. Parecia estar com frio e fome e tremia um pouco.

— Ainda aqui, então — disse, acariciando-o. — Não parece tão bem hoje.

Decidi que aquela situação havia perdurado o bastante. Então, bati na porta do apartamento. Senti que precisava dizer alguma coisa. Aquilo não era jeito de tratar um animal de estimação. Ele precisava de algo para comer e beber — e talvez até mesmo de cuidados médicos.

Um cara apareceu à porta. Estava com a barba por fazer, vestindo camiseta e um par de calças esportivas, e parecia ter acabado de acordar, ainda que já estivéssemos no meio da tarde.

— Desculpe incomodá-lo, companheiro. Este gato é seu? — perguntei a ele.

Por um segundo, ele me fitou como se eu fosse um pouco louco.

— Que gato? — questionou, antes de olhar para baixo e ver o laranjinha enrolado como uma bola no capacho. — Ah. Não — disse ele, ao mesmo tempo que encolheu os ombros, desinteressado. — Ele não tem nada a ver comigo, companheiro.

— Ele está aqui há dias — retruquei, novamente provocando um olhar vago nele.

— Está? Deve ter sentido cheiro de comida ou algo assim. Bom, como eu disse, ele não tem nada a ver comigo.

E então bateu a porta, fechando-a.

Decidi-me imediatamente.

— Ok, companheiro, você vem comigo — disse, caçando em minha mochila a caixa de biscoitos que carregava especificamente para dar guloseimas aos gatos e cães que sempre se aproximavam de mim quando estava fazendo apresentações de rua.

Chacoalhei-a diante dele e ele imediatamente se pôs de pé nas quatro patas e me seguiu.

Notei que ele ficou um pouco desconfortável em pé e que movimentava uma das patas traseiras de forma estranha. Por isso, subimos bem lentamente os cinco lances de escadas. Poucos minutos depois, estávamos confortavelmente abrigados em meu apartamento.

O lugar estava estropiado, preciso admitir. Além da televisão, tudo que eu tinha era um sofá-cama de segunda mão, um colchão no canto do pequeno quarto e, na cozinha, uma geladeira que trabalhava apenas na metade do tempo, um micro-ondas, uma chaleira e uma torradeira. Não havia fogão. As únicas outras coisas no apartamento eram meus livros, vídeos e bugigangas.

Sou meio acumulador de tralhas; pego todo tipo de coisas da rua. Naquela época, tinha um parquímetro quebrado em um canto e um manequim quebrado com um chapéu de vaqueiro em outro. Um amigo certa vez chamou meu apartamento de “A Velha Loja de Curiosidades”. Mas, enquanto investigava o novo ambiente, a única coisa pela qual o laranjinha ficou curioso foi a cozinha.

Peguei um pouco de leite da geladeira, derramei em um pires e misturei com um pouco de água. Eu sei que — ao contrário da opinião popular — o leite pode ser algo ruim para gatos porque, na verdade, eles são intolerantes à lactose. Mas ele bebeu tudo em segundos.

Eu tinha um pouco de atum na geladeira, então, misturei-o com alguns biscoitos esmagados e dei isso a ele também. Novamente, ele devorou. *Pobrezinho, deve estar mesmo morrendo de fome*, pensei comigo mesmo.

Após o frio e a escuridão do corredor, o apartamento era um luxo tipo cinco estrelas no que dizia respeito às aspirações do laranjinha. Ele parecia muito feliz por estar ali e, depois de ser alimentado na cozinha, dirigiu-se para a sala de estar e enrolou-se no chão, perto do aquecedor.



Sentei-me e, à medida que o observava com mais cuidado, tive certeza absoluta de que havia algo errado com sua perna. Tal como pensara, quando me sentei no chão a seu lado e comecei a examiná-lo, descobri que ele tinha um grande abscesso na parte de trás da perna traseira direita. A ferida tinha o tamanho de um grande dente canino, o que me deu uma boa ideia de como ele a conseguira. Provavelmente, fora atacado por um cão, ou talvez por uma raposa, que cravara os dentes em sua perna e agarrara-se a ele quando ele tentou fugir. Ele também tinha vários arranhões — um na face, não muito longe do olho, e outros no tronco e nas pernas.

Esterilizei a ferida da melhor forma que pude, dando-lhe um banho na banheira e depois passando um pouco de creme hidratante sem álcool ao redor da ferida e um pouco de vaselina sobre ela. Muitos outros gatos teriam aprontado um caos por serem tratados assim, mas ele foi excelente.

Passou a maior parte do restante do dia enrolado naquele que já era seu local preferido, próximo ao aquecedor. Mas também percorreu o apartamento de tempos em tempos, pulando e arranhando tudo o que encontrava. Havendo, a princípio, ignorado o manequim que estava no canto, passou a achá-lo um brinquedo atraente. Não me importei. Ele poderia fazer o que quisesse com ele.

Eu sabia que os laranjinhas podiam ser muito ativos e que aquele ali tinha um monte de energia acumulada e reprimida. Quando tentei acariciá-lo, ele pulou e começou a me dar patadas. Em dado momento, ficou bastante animado, arranhando-me furiosamente e quase cortando minha mão.

— Ok, companheiro, calma aí — eu disse, tirando-o de cima de mim e colocando-o no chão. Sabia que machos jovens que não haviam sido castrados podiam se tornar extremamente ativos. Meu palpite é que ele ainda estava “inteiro” e no auge da puberdade. Não podia ter certeza, é claro, mas aquilo evidenciou novamente a incômoda sensação de que ele devia ter vindo das ruas, e não de um lar.

Passei a noite assistindo à televisão, com o laranjinha enrolado próximo ao aquecedor, aparentemente contente por estar ali. Ele somente se moveu quando fui para a cama, levantando-se e seguindo-me até o quarto, onde se enrolou numa bola próxima a meus pés, na borda da cama.

Ouvindo seu ronronar suave no escuro, senti-me bem por tê-lo ali. Era uma companhia, eu acho. Não tinha muito disso ultimamente.



No domingo, pela manhã, levantei-me razoavelmente cedo e decidi andar pelas ruas para ver se conseguia encontrar o dono dele. Imaginei que alguém poderia ter fixado algum cartaz de “Gato Perdido”. Quase sempre havia um apelo pela devolução de um animal de estimação desaparecido, em fotocópia, colado nos postes, quadros de avisos e até mesmo pontos de ônibus. Parecia haver tantos bichanos perdidos que em alguns momentos eu me perguntava se havia uma gangue de sequestradores de gatos agindo na área.

Só para o caso de encontrar o proprietário rapidamente, levei o gato comigo, prendendo-o a uma guia que havia feito com um cadarço, a fim de mantê-lo seguro. Ele ficou feliz em andar a meu lado enquanto descíamos as escadas rumo ao térreo.

Fora do prédio, o gato começou a puxar a corda como se quisesse ir para um canto. Imaginei que desejasse fazer suas necessidades. Tal como pensei, dirigiu-se para um trecho de vegetação e arbustos adjacentes a um prédio vizinho e desapareceu por um ou dois minutos para atender ao chamado da natureza. Depois disso, voltou até mim e, feliz, para a guia.

Ele deve mesmo confiar em mim, pensei comigo mesmo. Senti imediatamente que precisava retribuir essa confiança e tentar ajudá-lo.

Minha primeira parada foi a senhora que morava do outro lado da rua. Ela era conhecida na região por cuidar de gatos. Alimentava os



animais vira-latas da vizinhança e os castrava, se necessário. Quando ela abriu a porta, vi pelo menos cinco gatos vivendo ali. Só Deus sabe quantos mais ela tinha na parte de trás da residência. Parecia que todos os gatos num raio de quilômetros se dirigiam para seu quintal, sabendo que ali era o melhor lugar para conseguir comida. Eu não imaginava como ela conseguia alimentar todos eles.

Ela viu o laranjinha e se encantou com ele de imediato, oferecendo-lhe uma guloseima. Era uma senhora adorável, mas não sabia nada sobre a origem dele. Ela não o havia visto pela região.

— Aposto que veio de algum outro lugar de Londres. Não me surpreenderia saber que ele foi abandonado — afirmou. Disse que manteria os olhos e os ouvidos atentos, caso ouvisse alguma coisa.

Tive a sensação de que ela estava certa sobre ele ser de algum lugar distante de Tottenham.

Só por curiosidade, tirei a guia do gato para ver se ele sabia em que direção seguir. Mas, enquanto caminhávamos pelas ruas, ficou óbvio que ele não sabia onde estava. Parecia completamente perdido. Olhou para mim como se dissesse: “Eu não sei onde estou, quero ficar com você”.

Ficamos fora por algumas horas. Em determinado ponto, ele saiu correndo para um arbusto a fim de fazer suas necessidades novamente, enquanto eu continuava perguntando a alguns moradores que passavam se o reconheciam. Tudo que consegui foram olhares em branco e ombros encolhidos.

Era óbvio que ele não queria me deixar. À medida que vagávamos, não podia fazer outra coisa além de me perguntar a respeito de sua história: de que lugar ele vinha e que tipo de vida levava antes de vir sentar-se no capacho no térreo.

Parte de mim estava convencida de que a “senhora dos gatos” do outro lado da rua estava certa — que ele fora o animal de estimação de uma família. Era um gato de boa aparência e provavelmente havia

sido comprado como presente de Natal ou aniversário de alguém. Os laranjinhos podem ser um pouco loucos¹ e isso fica pior se não forem castrados, como já havia observado. Podem se tornar muito dominantes, muito mais do que os outros gatos. Meu palpite era que, ao tornar-se agitado e travesso, ele também se tornara um pouco difícil demais de lidar.

Imaginei os pais dizendo “basta” e — em vez de levá-lo para um refúgio ou para a RSPCA² — enfiando-o no porta-malas do carro da família, levando-o para um passeio e jogando-o em uma rua ou estrada.

Os gatos têm um grande senso de direção, mas, obviamente, ele fora solto longe do lar e não havia voltado. Ou talvez soubesse que não se tratava realmente de um lar e tivesse decidido encontrar um novo.

Minha outra teoria era que ele pertencera a uma pessoa de idade que havia falecido.

É claro, era possível que não fosse o caso. O fato de ele não estar habituado a uma casa era o principal argumento contra ele ter pertencido a alguém. Mas, quanto mais eu o conhecia, mais me convencia de que ele definitivamente estava acostumado a ficar perto de alguém. Ele parecia agarrar-se a pessoas que, imaginava, cuidariam dele. Foi o que ele fez comigo.

A maior pista sobre seu passado era aquela lesão, que parecia horrível. Ele com certeza a conquistara em uma luta. A julgar pela forma como dela vazava pus, a ferida deveria ter sido feita havia poucos dias, talvez, no máximo, uma semana. O que me sugeriu outra possibilidade.

¹ É verdade que gatos não castrados tendem a ser mais territoriais e ativos. Mas não há registro científico indicando que a cor da pelagem de um gato tem alguma influência em seu comportamento. A afirmação do autor de que gatos alaranjados têm personalidade forte deve ser uma opinião pessoal. (N. P.)

² Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals, ou Sociedade Real para a Prevenção de Crueldade com Animais. (N. T.)



Londres sempre teve uma grande população de gatos de rua, os quais vagam por aí vivendo de restos de comida e do conforto de estranhos. Quinhentos ou seiscentos anos atrás, lugares como a Rua Gresham, no bairro financeiro, Clerkenwell Green e Alameda Drury costumavam ser conhecidos como “ruas de gato” e eram tomados por eles. Aqueles vira-latas eram os destroços e os refugos da cidade, andando a esmo e lutando pela sobrevivência a cada dia. Muitos deles eram como aquele laranjinha: criaturas espancadas e quebradas.

Talvez ele tivesse visto em mim uma alma semelhante.

